

## EIS UM ESCRITOR FELIZ!

Manuel Bandeira

Artigo publicado no *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) de 12 de novembro de 1933, da série subordinada ao título "Impressões Literárias". Este foi suscitado pela publicação das seguintes obras de Monteiro Lobato ou por ele adaptadas: *As Caçadas de Pedrinho*, *História do Mundo para Crianças*, *Alice no País das Maravilhas*, *Alice no País do Espelho*, *Pinóquio e Aventuras do Barão de Munchausen*. Reproduzido de *Poesia e Prosa* (Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1958, v. II, p. 1198-1200).

É tudo literatura infantil, e vem a tempo para as festas de Natal e Ano-Bom. Só o primeiro livro é propriamente do autor de *Urupês*; os demais são traduções ou arranjos. Mas todos trazem a marca pessoal do Sr. Monteiro Lobato.

Eis um escritor feliz, que começou agradando a Rui Barbosa e acabou agradando às crianças. Esta última felicidade, sobretudo, é invejável. E não há a menor dúvida a esse respeito: o Sr. Monteiro Lobato sabe falar às menininhas de nariz arrebitado ou não. Se a sua linguagem é às vezes por demais de gente grande, por demais gramaticalmente certa, o mesmo não há que dizer da imaginação e do espírito, sempre bem perto do adorável lirismo da infância.

O Sr. Monteiro Lobato vai criando um mundozinho de personagens em que a gente já se sente como em família: Narizinho, Pedrinho, o marquês de Rabicó, que não é senão o leitão do sítio de D<sup>a</sup> Benta, o visconde de Sabugosa, que não passa de um sabugo de milho . . . Este visconde de Sabugosa já é criação rica de maravilhoso e digna de figurar nos países em que Alice andou pela mão de Lewis Carroll. Mas a personagem mais divertida desse mundozinho, a de mais vida, a que está sempre saltando das páginas do livro, é Emília. As suas espaviteces, os seus palpites, a sua ciganagem fazem dela o centro da ação e do interesse toda vez que aparece. No entanto Emília é . . . uma boneca — a boneca de Narizinho.

Na *História do Mundo para as Crianças*, adaptação do livro de Hillyer, introduziu o Sr. Monteiro Lobato toda essa gatinha já nossa conhecida. Quem conta a história é Da. Benta. De vez em quando a bonequinha terrível interrompe-a, decerto a tempo de evitar um possível bocejo da criançada. Às vezes os seus palpites são bem engraçados: nisto o Sr. Monteiro Lobato é mestre e não se pode desejar maior espevitamento. Assim, quando Da. Benta falou aos meninos nas Colunas de Hércules . . .

“Sabem como se chamava o estreito de Gibraltar naquele tempo?” perguntou-lhes a boa senhora.

“Eu sei, eu sei, vovó!” exclamou Pedrinho. E gaguejou: “Chamava-se Coluna . . . Colunas. . .”

Aqui a Emília saiu-se muito lampeira com esta:

“Colunas de mármore cor de rosa, com veios azuis, vermelhos e amarelos!”

Isso me fez lembrar a resposta de uma certa Silvinha que conheci e que tinha a mesma espevitice da bonequinha. Era a filha de nossa cozinheira. Uma manhã chegou de casa com um embrulho na mão — “Que é êsse embrulhinho, Sílvia?” E ela sem pestanejar: — “Roupa de boneca”. Fui ver a roupa de boneca: eram dois botões de osso, um vidro de homeopatia e uns pedacinhos sujos de li-nha. . . Roupa de boneca!

Esta *História do Mundo* foi escrita para crianças, mas aposto que a gente grande toda vai lê-la também. Por mim, li-a com grande deleite. Queria era mais coisa sobre o Brasil. Só tem algumas linhas sobre a independência, um juízo um tanto exagerado sobre Pedro II (“um dos grandes monarcas que existiram”) — enfim na boca de Da. Benta passa, e alguns períodos sobre a escravidão e a princesa Isabel e sobre Santos Dumont. Mas provavelmente Monteiro Lobato irá escrever no mesmo estilo a *História do Brasil para Crianças*. O diabo é que não está prometido, como estão neste livro as *Memórias da Marquesa de Rabicó* e a tradução das *Viagens de Marco-Polo*.

Sobre a moralidade desta *História do Mundo* haverá o que dizer. Às vezes acerta em cheio:

“Que quer dizer Grandes Potências?” pergunta Pedrinho ou Narizinho.

E Da. Benta — “Grandes Potências são os países que dispõem de grandes exércitos e grandes esquadras e portanto, podem provocar grandes guerras. . .”

Mas outras vezes Hillyer ou Monteiro Lobato — deve ser o Hillyer, pois o nosso Monteiro Lobato só não é pessimista em matéria de petróleo — lá vem com uma daquelas tiradas que o sr. Gilberto Freyre chama, não sei por que, *mazarlescas*, como ao se referir à frase de Pershing junto ao túmulo de Lafayette.

A iniciativa do sr. Monteiro Lobato e da Companhia Editora Nacional é tão louvável que vale a pena chicanar um pouco a respeito das imperfeições desta edição. Coisas que num livro qualquer não têm importância, devem estar bem direitinhas e certas num compêndio para meninos. A ortografia, por exemplo. A deste livro, que devia ser adotado pelo governo, vem inçada de erros. Toda vez que Hillyer ou Monteiro Lobato — deve ser Monteiro Lobato — se mete em Latim, sai o livro errado: *Tu quoque, Brutus, Annus Dominum*. As palavras de todas as línguas vão mudando sempre. No tempo dos romanos nariz era *nasus* e Pedro era *Petrus*. Mudaram ou foram mudando lentamente. Aqui era preciso tomar por exemplo outra palavra que não nariz, que não é transformação de *nasus*, mas de *naricae*.

À página 157 Jerusalém é dada como ainda pertencente à Turquia e no entanto mais adiante, à página 197 vem certo.

A distância a correr na Maratona era igual à que ia desta localidade a Atenas, cerca de 40 quilômetros. Por inadvertência saiu à página 182 entre Atenas e Esparta.

À página 146 limita-se a Idade-Média aos anos que vão de 500 a 1.000. Todavia à página 198 diz-se que foi a derradeira cruzada que marcou o fim daquela era.

À página 224 escreve-se que o Cabo das Tormentas passou a ser chamado da Boa Esperança depois que Vasco da Gama o dobrou. Não é bem isso. O nome do Cabo foi mudado por D. João II quando Bartolomeu Dias o descobriu. Diz mais Monteiro Lobato — ou deixou passar no Hillyer, que *Vasco da Gama dobrou o cabo, não viu Adamastor nenhum*, etc. Quem viu foi precisamente Vasco, isto é, o Vasco de *Os Lusíadas*, pois o Adamastor é criação alegórica de Camões. Tudo isto é um pouco chicanagem repito, mas não é verdade que convém redigir com mais cuidado os livros para meninos? *A História do Mundo para as Crianças* merece-o, pois descontados pequenos senões fáceis de corrigir, é excelente; faz sentir o que diz Narizinho — “que não há tão grande diferença entre a História e os contos de fadas”.

E Hillyer, ou Monteiro Lobato — os dois certamente — sabem contar uma e outra coisa.

